

Lixo: Priorizando atitudes

Maurício Waldman

Pela primeira vez, na história humana o lixo transformou-se num tema central pungente do qual depende a sobrevivência da espécie humana na Terra. Disso não resta qualquer dúvida: todos podem perceber a presença do lixo, como que a lembrar o desafiante enigma proposto pela esfinge: "Decifra-me ou devoro-te!" E, convenhamos nada poderia ser colocado em contrário a esta provocação. A cornucópia dos lixos, vitaminada pelo carrossel do consumo, está engolfando o Planeta de tal maneira que o Mundo Lixo deixou de ser uma metáfora para se referendar como ameaça real.

Neste sentido, prestigiando um expediente literário, podemos recordar o célebre ensaísta alemão Heinrich Heine, cuja pena arguta percorreu o tempo sem perder o sentido de novidade. Este, em certa ocasião, ao filosofar sobre a duplicidade do real, elaborou uma parábola cujo personagem central era um ganso. O fígado da ave estava adoentado e se avolumou muito além do aceitável. Tão grande se tornou que o pobre animal já não sabia mais se era um ganso ou um fígado.

Adequando esta sátira à insidiosa ocupação do Planeta pelos resíduos, seria permissível indagar: estamos vivendo num "lixo que se imagina mundo" ou "num mundo que se imagina lixo"?

Certo é que metáforas literárias à parte, as estatísticas dão plena razão à angústia provocada pela escalada do lixo. No

leia-se expandida - extrapolando os já assustadores patamares existentes.

No que seria perfeitamente compreensível, estes números inspiraram o geógrafo francês Jean Gottman a se referir à nossa época - em lugar de Idade do Aço, do Petróleo, da Energia Nuclear ou da Conquista da Lua - como uma "Era do Lixo".

Ademais, no que deveria provocar constrangimento a nós brasileiros, o país se ajustaria perfeitamente a esta conjuntura ameaçadora. Note-se que conquanto o Brasil corresponda a 3,06% da população mundial e 3,5% do PIB global, é, por outro lado, gerador de entre 5,5 e 6,9% do total mundial dos resíduos urbanos. Diferenças percentuais correm por conta da disparidade dos dados estatísticos disponibilizados para consulta, que entretimentos, invariavelmente, confirmam o Brasil como um gerador de resíduos de monta.

Isto posto, não confere a arquição que aponta o 1º Mundo - particularmente os EUA - como responsável praticamente exclusivo, pela irrupção do Mundo Lixo. O Brasil tem e deve assumir sua responsabilidade diante da questão, o que nos remete à discussão central: porque, no final das contas, se gera tanto lixo?

Um aspecto cabal é que não há como evitar o questionamento e o repensar profundo da sociedade contemporânea, ou como a ela se referiu o famoso filósofo Abraham



Maurício Waldman

sa de produtos "blindados", com múltiplas embalagens, pode reduzir em até 50% a quantidade de lixo domiciliar, favorecendo a qualidade do ar, economizando energia, preservando as águas doces e as propriedades do solo.

Cabe lembrar o óbvio: grande parte dos invólucros é simplesmente desnecessária. Poucos anos atrás, um varejista alemão certificou que 98% das embalagens secundárias - calxinhas dos tubos de pasta dentífrica, invólucros plásticos das caixas de sorvete, etc. - são supérfluas. Elas podem ser abolidas sem comprometer a qualidade dos produtos e por extensão, a satisfação dos consumidores.

Exatamente pelo fato de a solução da questão do lixo estar a o alcance de todas as pessoas pode-se sublinhar que os resíduos, ao invés de um problema, constituam uma solução. Podemos repensar o uso dos recursos, reduzir nossa pauta de desejos, reutilizar o que adquirimos e finalmente, reciclar boa parte dos rejeitos que foram gerados. Basta querer.

Como recordou o ambientalista Paul Hawken, em palestra proferida no ano passado, em Seattle, a respeito da insuperável capacidade da sociedade em superar obstáculos, não podemos nos deixar "dissuadir por pessoas que não sabem o que não é possível. Façam o que precisa ser feito, e verifiquem-se era impossível exclusivamente depois de tiverem terminado".

É isso aí: Boas Notícias, lutemos por elas! ■

Maurício Waldman é ex-chefe da Coleta Seletiva de Lixo da Capital paulista, consultor ambiental, pós-doutorando do Instituto de Geociências da Unicamp na área dos Resíduos Sólidos e bolsista do CNPq.

Podemos repensar o uso dos recursos, reduzir nossa pauta de desejos, reutilizar o que adquirimos e finalmente, reciclar boa parte dos rejeitos que foram gerados. Basta querer.

mundo, descarta-se diariamente 2 milhões de toneladas de resíduos domiciliares, cifra que ao longo de um ano gera o vultoso total de 730 milhões de toneladas.

Outras planilhas revelam que a somatória dos rejeitos provenientes das atividades humanas origina um monturo de 30 bilhões de toneladas. Continuando este ritmo frenético de geração de rejeitos, teremos em 2.050 uma montanha de 1,5 trilhões de toneladas de detritos.

Tornando as coisas mais difíceis, a multiplicação dos descartes não tem dado nenhuma mostra de perder fôlego. A cada 365 dias a geração de resíduos é atualizada -

Moles, a chamada Civilização do Ter. Na ferina argumentação deste pensador, o que vivenciamos atualmente é uma sociedade que produz para consumir e cria para produzir, um ciclo onde a noção fundamental é a de aceleração.

Assim sendo, o que se impõe é uma revolução completa da forma como são produzidas as coisas, como são consumidas e como são descartadas. Obviamente, isto também implica repensar os valores fundantes na nossa relação com o mundo dos objetos e, particularmente, com a natureza.

Subsidiando tais pontuações, não faltam exemplos, boas atitudes. A simples recu-